

Médico dá trégua para esperar nova tabela salarial

Poucas pessoas procuraram atendimento de emergência ontem no Hospital de Base (HBDF) e Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), devido às últimas informações sobre a continuidade da greve dos médicos. Ao contrário do previsto, o Sindicato dos Médicos decidiu aceitar a trégua de 48 horas para que o GDF defina a reformulação das tabelas salariais e não foram paralisados os pronto-socorros do Gama e Brazlândia, conforme estava previsto. A categoria apresentou uma contraproposta ao governador Roriz e hoje, às 18h, fará nova assembléia.

No Hospital de Base o movimento diminuiu bastante, mas o comando de greve continua fazendo triagem e só aceita pacientes graves. Com isso, o número de doentes internados na emergência à espera de cirurgia baixou de 135 para 100. O vice-diretor do HBDF, Lairson Rabelo, diz que até o Posto de Atendimento Central, na 912 Sul, que pertence ao Inamps e não tem nada a ver com a paralisação, teve uma queda de 50 por cento no movimento.

Lairson afirma que apenas 30 por cento dos funcionários continuam trabalhando na enfermaria. Apesar disso, ele garante que os 720 leitos do hospital e as UTIs estão cheias, e que há equipamentos e medicamentos suficientes para todos. No primeiro an-

dar, embora os corredores já estavam vazios, alguns pacientes reclamaram que o atendimento continuava demorado.

HRAN — A diretora do Hospital Regional da Asa Norte, Jacira Abrantes, avisa que enquanto durar a greve só serão atendidos os pacientes graves. Ela acredita que a queda do movimento nas emergências dos hospitais se deve muito à comunidade que está colaborando com a paralisação. Ontem o HRAN só atendeu 20 dos 68 doentes que passaram pela triagem do comando de greve.

Jacira Abrantes diz que resolveu manter o pronto-socorro aberto porque "antes de ser diretora é uma médica e considero um atrevimento deixar alguém em perigo de vida". A diretora diz que não teme às ameaças feitas pelo Sindicato dos Médicos de que todos os chefes que prejudicaram à paralisação seriam processados pela falta de ética no Conselho Regional de Medicina. "O Conselho Regional de Medicina me enviou uma carta com as devidas orientações e eu estou correta porque prestei serviço à comunidade.

Proposta — O comando de greve apresentou ontem à tarde ao secretário de Saúde Jofran Frejat uma contraproposta que fixa o salário mínimo do médico em Cr\$ 7 milhões 823 mil e máximo em Cr\$ 16 milhões 733 mil.